

9. DADOS INFORMATIVOS SOBRE OS XERENTE

| |
|-------------------|
| CEDI - P. I. B. |
| DATA 10 / 12 / 86 |
| COD. XRD 04 |

9.1. Demografia:

Os índios xerente, pertencentes ao Tronco Lingüístico "Je", em número pouco superior a 800 e em contato permanente com a civilização, têm o seu habitat entre os rios Tocantins e Sono, no município de Tocantínia, Estado de Goiás.

Estão espalhados em agrupamentos principais, formando as aldeias do Posto (17 Km. da cidade), Gorgulho (34 Km.), Funil (12 Km.), Santa Ana (15 Km.), Baixa Funda (60 Km.) e Rio do Sono (80 Km.), além de outros pequenos núcleos, abrigando um número menor de famílias. (Vide mapa na página final.) *(Jedica Nova - 1980)* — >

— Observação no final — >

Com exceção da aldeia do Funil, a mais próxima da cidade, situada à margem direita da Rodovia Porto Nacional-Pedro Afonso, ao Sul de Tocantínia, todas as demais aldeias estão localizadas ao Norte das terras propriamente ditas do município, em uma reserva territorial indígena de 167.542 hectares, demarcada pelo Governo Brasileiro para os xerente.

A população tribal sofreu grande decréscimo numérico a partir do contato com o homem branco, devido às várias enfermidades contraídas, e aos demais fatores decorrentes do próprio contato. Presentemente, como resultado da implantação de medidas profiláticas, especialmente da aplicação de vacinas, está sendo possível o controle da mortalidade infantil, e a população começa a crescer numericamente.

9.2. Aculturação:

Contatados há mais de um século por um Padre Capuchinho e tendo aceito a idéia do convívio pacífico com o mundo civilizado, os xerente entraram em um processo, ainda que lento, de assimilação da língua portuguesa e da cultura brasileira.

A grande maioria da tribo é bilíngüe - fala o português, além do idioma materno. A exceção é feita apenas às crianças em idade escolar e a algumas mulheres mais idosas que encontram certa dificuldade para se expressarem em português. A língua falada no convívio familiar, é ainda a xerente, e o português, em uso corrente, é bastante deficiente, servindo apenas para as comunicações triviais diárias. Em se tratando de assuntos legais ou de natureza abstrata, tais como conceitos, idéias, etc., é necessário recorrer-se à língua indígena para uma melhor comunicação.

No contato com a civilização, os xerente abandonaram, gradativamente, e acabaram por esquecer de vez (os mais velhos apenas contam que viram ou ouviram contar) alguns de seus costumes cerimoniais mais tradicionais, entre os quais a brincadeira do tamanduá-bandeira, a da onça, da seriema, a grande festa do jejum e outros. Por outro lado, adquiriram hábitos do homem branco em português tais que a sociedade apresenta, hoje, apenas alguns traços remanescentes da cultura indígena, mesclados de manifestações paralelas da cultura brasileira.

Dentre os costumes tradicionais ainda cultivados, destacam-se a nomeação dos filhos e a corrida da tora de buriti, que são realizados quase que anualmente numa festa que não dura mais do que uma semana, denominada "dasipê".

Assim, alguns ritos sociais permaneceram, ao lado dos novos costumes introduzidos, num misto de cultura primitiva e cultura importada, o que se pode observar nos seguintes casos, entre outros:

- Nomeação dos filhos:

Procuram na Folhinha o nome do Santo do Dia (costume católico) ou tomam o nome de algum civilizado por perto para dá-lo ao recém-nascido. A maioria leva ainda o filho para o Padre batizar. Quando a criança tem a idade de 7 anos, mais ou menos, é feita a cerimônia xerente da nomeação dos filhos, nos moldes tradicionais, e a criança passa, então, a ter dois nomes: um xerente e um brasileiro;

- Casamento:

Alguns casam-se apenas na aldeia, por meio da cerimônia indígena (ainda bem vivida), e outros casam-se apenas no Padre. Outros há que preferem as duas festas, casando-se em ambas as sociedades. Às vezes acontece que índios de certo prestígio realizam casamentos pomposos, convidando o Padre a vir a aldeia e fazendo festa com alguma bebida, baile, etc., bem ao estilo do sistema brasileiro;

- Funeral:

Pouquíssimos funerais são feitos inteiramente ao costume primitivo onde o cadáver era envolvido em uma simples esteira e levado ao túmulo. A maioria, hoje, usa caixão, como o civilizado, coloca uma cruz no túmulo e faz a tradicional visita católica do sétimo dia à sepultura. Não obstante a isso, pode-se distinguir, paralelamente, nessas ocasiões, a observância de costumes puramente indígenas, como a lamentação (com cânticos especiais, etc.,) os deveres e obrigações dos parentes (clã confrontante) para com o sepultamento, e as crenças relativas ao destino dos mortos.

9.3. Economia:

Com o advento da civilização, a caça e a pesca deixaram de ser, para os xerente, a sua maior fonte de economia. A introdução do gado na região afastou a caça, e a concorrência, inclusive na pescaria, por parte dos civilizados, obrigou os índios a se dedicarem à agricultura e à criação de animais domésticos, atividades às quais ainda não se adaptaram definitivamente.

A tecnologia importada para as atividades agrícolas foi rudimentar. Usam o machado, o fuzão, a enxada e demais ferramentas

dessa natureza no preparo de roças familiares, onde plantam, em maior escala, a mandioca, depois o arroz, o milho, o feijão e alguns tubérculos como a batata doce, o cará e o inhame.

Da mandioca fazem a farinha, em fornos feitos geralmente de lata de querosene, e o beiju, em panelas de ferro, estes, muito famosos e tradicionais.

Criam alguns animais domésticos tais como a galinha, o porco, e uns poucos índios possuem pequeno rebanho de gado vacum e e alguns eqüinos.

A dieta xerente consta, em primeira plana, de carne ((qualquer que seja) e beiju. Não há o que substitua, adequadamente, esta mistura preferida. O arroz e o feijão são apenas tolerados. Arroz sem carne, é quase um castigo! A carne é imprescindível na dieta xerente. Há, inclusive, uma palavra especial (datro) para indicar "fome de carne", além da palavra (mrã) que indica apenas "fome comum". As carnes mais preferidas são a do tamanduá-bandeira, da anta, veado, quati, paca, cutia, ema, mutum, jacu e outras. Carne de macaco, ouriço, gato do mato e outras, passaram a ser ingeridas somente depois do advento da civilização e da excessão do produto. Hoje, a carne bovina é também bastante apreciada, mas os índios contam que os antigos levaram muito tempo para se acostumar com ela. Em reserva de carne, vale dizer ainda que após a demarcação da reserva territorial indígena em 1972 e a consequente evacuação, ainda que parcial, da área, a caça e a pesca voltaram a aumentar lentamente, e já se apresentam significativa na receita xerente.

Quanto aos recursos naturais, alguns deles são, ainda hoje, explorados. A região do Norte do Estado de Goiás, de clima tropical semi-úmido, com apenas duas estações no ano - verão (época da seca) e inverno (época das chuvas) - de vegetação de cerrado e orlas de mata margeando os cursos dos rios, região de planalto, apresentando pequenas ondulações montanhosas a uma média de 300 m. de altitude, mais própria para a criação de gado do que para a agricultura em larga escala, é uma região rica em palmeiras.

A mais importante delas é a do coco babaçu, do qual extrai-se a castanha que é, inclusive, comercializada em pequena escala pelos índios e que serve também para fornecer o "leite de coco", extraído no pilão e usado como condimento.

Duas outras palmeiras, de uso também significativo, são a do buriti (que produz uma fruta do tamanho e formato, mais ou menos de um ovo de galinha) e da bacaba (semelhante a uma jaboticaba). Extrai-se delas a polpa que envolve o coco (a bacaba precisa ser levada ao fogo em água meio quente) e faz-se o suco que é servido com farinha e, quando possível, com açúcar.

Além destas, há ainda várias outras frutassilvestres tais como o pequi, a mangaba, o caju, a macaúba e outras que, apanhadas nas épocas próprias, completam a dieta xerente.

Com a necessidade da aquisição de bens de consumo importantes como o açúcar, o sal, o querosene, a própria roupa, e na base da produção agrícola apenas de subsistência, os xerente tiveram que lançar mão de outros recursos que lhes proporcionassem a aquisição da moeda para o suprimento dessas necessidades. O primeiro desses recursos foi a mão de obra: Os homens passaram a trabalhar

para os fazendeiros vizinhos, como diaristas ou empreiteiros, e alguns passaram a susentar-se da aldeia por longos períodos de tempo, trabalhando nas grandes companhias que então começaram a surgir na região. Estas incursões se mostraram, na sua maioria, prejudiciais à vida social do índio à sua melhor integração na sociedade nacional e ao seu estado geral de saúde. Alguns desses emigrantes têm saído e não mais voltado ao convívio dos familiares na aldeia. Despreparados para a vida lá fora, os insucessos são freqüentemente maiores que os sucessos.

Um outro recurso utilizado, e hoje largamente difundido, foi a confecção de artesanato para fins comerciais. Os produtos mais procurados são a rede, o arco e a flecha, o colar, a lança e o cocar e outros.

O incentivo da venda do artesanato foi tão grande, certo momento da comercialização, que acabou prejudicando a atividade agrícola. Na aldeia do Funil, por exemplo, a apenas 12 Km. da cidade, alguns índios abandonaram, quase que praticamente, a atividade agrícola e passaram a viver do produto da venda do artesanato. Aquelas constantes viagens para a cidade, levando enfeites para vender e voltando com os víveres necessários como o arroz, a farinha, a carne e, na maioria das vezes, com bebidas alcoólicas, prejudicaram sensivelmente a vida social do grupo e os tornou extremamente dependentes desse tipo de comércio insipiente.

9.4. Organização político-social:

Os xerente estão social e politicamente divididos em duas metades. Cada uma delas possui o seu grupo de nomes próprios magculinos característicos, seu modo peculiar de pintar o corpo e possuía, outrora, o seu lugar determinado na disposição das casas da aldeia. Esta disposição - uma metade ao Norte e outra ao Sul, dentro de uma aldeia em forma de ferradura (The Serente, Curt Nimuendajú, Los Angeles, 1942, pg. 17) - desapareceu, hoje, por completo. Existe certa confusão, quanto ao uso de alguns nomes, não obstante a idéia de posse dos mesmos ser ainda bem nítida, enquanto que a pintura do corpo permanece distinta, especialmente nos dias de festa, quando a metade Norte aparece com pintura em forma de listras e a metade Sul em forma de círculos.

Cada metade possuía, antigamente, quatro clãs. Estes, dispostos ao longo da ferradura, faziam com que cada clã de uma metade se confrontasse, simetricamente, com um outro da metade oposta. Entre os pares de clãs confrontantes havia uma relação de deveres, obrigações e privilégios, tanto políticos quanto sociais.

Os casamentos eram feitos entre os membros dos clãs confrontantes, e havia uma série de deveres recíprocos por ocasião dos ritos de iniciação, festa de casamento, funerais, etc.,. As guerras inter-tribais e as brigas mais violentas eram proibidas entre os membros destes clãs. Os elementos mais velhos (os anciãos) de um determinado clã, serviam de árbitro para a solução de problemas políticos e sociais dos componentes de seu clã confrontante. Os membros destes pares de clãs confrontantes, chamavam-se reciprocamente de "wasisdanarkwa" (o nosso consultor) um termo que designa respeito, acatamento e quase reverência.

A pintura distintiva dos clãs dentro das metades era feita por meio do tamanho do desenho do traço característico, que ia desde a listra mais estreita até a mais larga, e do círculo menor até ao maior.

Com a nova disposição da aldeia em forma de Eua, a construção de casa ao estilo europeu (eram primitivamente circulares), a grande dizimação causada pelo contato e o espalhamento do grupo, em busca, talvez, dum melhor aproveitamento dos poucos recursos naturais, foi impossível ao xerente guardar a mesma estrutura social primitiva. Hoje, pode-se reconhecer apenas cinco clãs: Dois da metade Norte, com pintura em listra (Krozaké e Wahirê) e três da metade Sul (Kuzã, Kbazi e Kritó). Parece que, à medida em que os clãs foram se extinguindo, ou seus membros desaparecendo, os clãs confrontantes remanescentes começaram a se sentir - desprotegidos na aldeia e emigraram em busca de outras paragens, onde se localizaram mais ou menos isoladamente. Isto explicaria, talvez, a razão da predominância, em cada aldeamento de hoje, de uma maioria de elementos de determinados clãs e da ausência, quase que por completo, de certos clãs em determinados aldeamentos. Os Kritó, por exemplo, localizam-se, em sua maioria, na aldeia do Funil, com alguns no Gorgulho e Santa Cruz; os Krozake, na Baixa Funda, alguns no Rio do Sono e outros no Gorgulho (tendo, mais recentemente, a se deslocarem para o Posto; os Kbazi, em Santa Cruz e os Kuzã e Wahirê no Posto Xerente e aldeia do Rio do Sono.

Com a quebra da simetria nos pares de clãs e o fenômeno da existência de apenas dois clãs da metade Norte para três da metade Sul, um dos clãs Norte - os Krozake - tornaram-se *dasisdanarkwa* (consultores) para dois dos clãs Sul - Kbazi e Kritó.

Fenômeno interessante ocorre com o clã Kritó: A maioria de seus membros não gosta de ser chamada por este nome, alegando pertencerem ao *Isibdu* ou *Prase* (clãs extintos), enquanto que a totalidade dos xerente os chama mesmo de Kritó, e o seu relacionamento, em termos de *dasisdanarkwa*, é feito com Krozake, como se disse acima. Há, ainda, um mínimo de remanescentes do clã extinto - *Krēprehi*, que se incorporaram a outro clã por motivo de conveniência.

Não obstante a terem-se perdido alguns dos traços mais distintivos entre os clãs, a maioria dos casamentos continua sendo feita, ainda hoje, entre clãs *dasisdanarkwa*. As poucas exceções são bem conhecidas e criticadas, mostrando que a idéia de clãs e metades continua ainda bem vívida na cultura xerente. O conceito de metade tende a desaparecer, talvez, mais rapidamente que o de clã. Existe ainda um termo para designar todos os clãs da metade Sul - eles são chamados de "*dohitdêkwa*" (os donos do círculo) - mas não existe termo algum que inclua todos os dois clãs da metade Norte. Eles seriam os "*wahitdêkwa*" (donos da listra), mas este termo não existe, pelo menos em uso atual, ainda que um destes clãs se denomine "*wahirêtdêkwa*" (donos da listra pequena). Curt Nimuendajú (obra acima citada) atribuiu à metade Norte o termo "*Sdakra*" e à metade Sul o termo "*Siptato*". Hoje, todavia, nenhum informante sabe o que significa *siptato*, e alguns pensam em *sdakra* como um antigo clã já extinto.

Na composição da família xerente, além da família nuclear (marido, mulher e filhos), de muito maior importância é a família extensa (sogro, sua esposa, seus filhos solteiros, suas filhas casadas, com seus maridos e filhos (netos) e assim por dian-

te. O chefe de uma família extensa, ao atingir a idade de 45 anos, mais ou menos, era considerado "ĩptákrda" (amadurecido) e passava a fazer parte de um Conselho de Anciãos que governava a aldeia.

Estes anciãos eram hábeis na arte de discursar e faziam aconselhamentos em concentrações no centro da aldeia ou andavam pela periferia das casas discursando, especialmente pela manhã, ao despontar do dia e à tarde, ao cair da noite. Manifestações esporádicas e um tanto apagadas deste comportamento vê-se ainda hoje, quando os velhos se reúnem para tratar de questões políticas ou sociais, ou quando chega alguém de prestígio na aldeia e é recebido com discurso. A linguagem usada nessas ocasiões apresenta um tipo lingüístico distintivo de discurso em xerente -- o de exortação -- com nuances fonológicas, gramaticais e semânticas de difícil interpretação e nada fácil de se imitar. Existe, atualmente, apenas uma meia dúzia de anciãos capazes de usar, com certa propriedade, este estilo de discurso exortativo. A maioria não é capaz de reproduzi-lo, e outros o fazem com bastante imperfeição. Parece que mais umas dezenas de anos e o discurso xerente, uma das mais belas manifestações da língua "jê", terá desaparecido de vez...

Alguns outros dados técnicos importantes sobre a organização social xerente são os seguintes:

- Descendência Patrilinear;
- Residência Matrilocal;
- Casamento monogâmico (com alguns exemplos de poliginia) e exógamo, tanto quanto aos clãs quanto às metades;
- Sistema Iroquês de Parentesco (o casamento é feito entre primos cruzados; o irmão do pai é pai; a irmã da mãe é mãe e o primo paralelo é irmão).

9.5. Religião:

Como acontece com um grande número dos grupos indígenas brasileiros, os xerente têm, como deuses, uma dupla de heróis culturais -- Bdã (o sol) e Wairê (a lua). Ambos do sexo masculino, eram, primitivamente, índios com poderes sobrenaturais. Bdã era mais forte, mais prudente, mais magnânimo, enquanto que Wairê, menos poderoso, era mais insensato e freqüentemente intervinha prejudicando os planos mais elevados de Bdã.

Através de uma série de lendas em que Bdã e Wairê se projetam como protagonistas principais, os índios explicam os vários fenômenos da natureza, as origens das coisas, etc., e contam como Bdã e Wairê lhes legaram tudo o de que precisavam para a sua sobrevivência, como as suas armas de guerra, seus artefatos, suas festas, seus cânticos, sua língua, seus costumes, enfim tudo o que pertence à sua cultura, e depois de ausentarem, subin

do ao céu e lá se instalando como se vê até hoje.

Segundo as lendas, se a criação dependesse apenas de Bdã, tudo teria saído perfeito; mas, no momento de se preparar o mundo para os índios, Wairê intervinha com sugestões ou procedimentos insensatos, que mudavam a natureza ou o destino das coisas. Isto explica a existência, no presente, de tantas coisas desagradáveis como a morte, o trabalho duro, os mosquitos, os espinhos, os terrenos pedregosos, etc., etc.,

Quanto à supremacia do homem brando, as lendas explicam que Bdã ofereceu primeiramente aos índios os bens de valor como o ouro, a roupa, as armas de fogo, o dinheiro, o gado e outros bens dessa natureza, mas os índios não aceitaram, desprezando a oferta. Bdã ficou muito zangado com tal indiferença, e imediatamente ofereceu os mesmos bens aos civilizados, que os aceitaram de bom grado, ficando os índios de posse apenas da caça, do produto da pesca, do arco e flecha, da lança e similares. Isto produziu a crença de que os índios são os donos da caça do mato na mesma medida em que os brancos são proprietários do gado. Quando um civilizado mata uma caça qualquer, indiscriminadamente, - sem pedir autorização ao índio, está violando a propriedade particular deste, ultrapassando os ditames de Bdã, dando ao mesmo índio o direito de abater, em troca ou compensação, o tanto de reses do rebanho daquele, proporcional ao prejuízo sofrido pela caça.

Bdã é chamado também de "Waptokwa" (literalmente, nosso originador ou criador), um termo tirado da nomenclatura do parentesco xerente com o sentido de "nosso pai", usado no tratamento referencial para o próprio pai e num sentido afetivo para pessoas importantes que tenham prestado benefícios de grande significação para a comunidade.

Se o termo Waptokwa é primitivo, ou se passou a ser usado apenas depois do advento do cristianismo católico é difícil de se dizer. Cwët Nimuendajú o considera primitivo (obra citada, - pg. 84). O sincretismo religioso, entretanto, oriundo da introdução mal assimilada das idéias cristãs de Deus, associou Deus o Pai e Jesus a Bdã (por serem mais fortes) e São Pedro a Wairê (por ser mais fraco). Hoje, quando um índio narra as lendas do passado, ele alterna os termos entre Bdã e Waptokwa para Jesus, Deus ou Sinhô e Wairê para Pedro. Alguns informantes têm associado Wairê à Virgem Maria, chamando Bdã de Waptokwa - nosso pai - e Wairê de Wazeparkwa - nossa mãe. Isto, talvez, nos dê maior margem para considerar o termo Waptokwa como sendo também uma inovação na crença primitiva.

As atividades e interferências de Bdã na vida e destino dos índios têm a ver mais com o modo como as coisas foram feitas no passado e com certos fenômenos maiores no presente, como os grandes cataclismos, as secas, as grandes decisões indígenas como a aceitação do contato com os brancos, etc..

Não há idéia de que Bdã esteja interessado ou interferindo nos acontecimentos cotidianos ou nas decisões e atitudes dos índios em particular, mesmo que ele, lá do céu, a tudo observa.

Há uma outra classe de seres sobrenaturais que governa o dia-a-dia do índio: São os Espíritos. As águas e o mato estão infestados de seres sobrenaturais. Há duas classes mais conhecidas, entre outras, das quais os índios já não sabem distinguir

muito bem: Os Kãmhã ou Kãddëkwa, que são os donos das águas; estes vivem nos rios, e controlam o fornecimento da dieta pesqueira. Os mrãiddëkwa, donos das matas, tendo como chefe a hëpãrwawë (chefe dos espíritos) que vivem no mato e controlam o fornecimento da caça e o plantio das roças.

A influência desses espíritos (que também eram primitivamente índios) é grande na vida do povo. Quando vão caçar, pescar ou fazer roças, especialmente nas caçadas e pescarias coletivas, devem observar uma série de regras e tabus para não se desagradar os espíritos e conseguir-se melhores resultados.

Os espíritos podem causar também doenças, introduzindo no corpo humano objetos tais como pedacinhos de pau (Wdëhu), pedrinha branca (Ktëka), fio de linha vermelha (Kbazipre) e raspa de pau (Wdëni). Os índios têm verdadeiro pavor dos espíritos e das doenças causadas por eles. Na sua quase totalidade eles não sabem o que fazer para aplacar, controlar ou neutralizar as atividades dos espíritos. São, por isso, dependentes de uma minoria de pessoas especializadas, conhecedores dos espíritos, que mantêm contato com os mesmos e podem controlar a sua influência. - São os pajés ou curandeiros os mediadores entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos.

Entre os xerente há duas classes de pajés: Os "sekwa" - curadores - e os "amikãddëkwa - feiticeiros. A função básica do curador é a de tirar a doença, extraindo do corpo enfermo os objetos ali introduzidos, o que ele faz, geralmente, em uma reunião especial, onde canta, dança, toca maracá, fuma, passa a mão sobre o corpo do enfermo, assopra, chupa a região afetada, etc., - tendo o enfermo assentado tamborete (banquinho de quatro pés) no centro da sala, e os assistentes ao redor, deixando-se um grande espaço para o seu trabalho e a liberdade de seus movimentos. Terminada a sessão, ele apresenta, via de regra em um prato, os objetos retirados do paciente. Estes objetos são chamados pelos índios, em português, de "porqueira". Já o trabalho do amikãddëkwa - feiticeiro - é o oposto: Consiste em se tornar o instrumento - para a introdução da doença, via de regra objetos, no corpo humano.

O termo "sekwa" é usado indistintamente para as duas classes de pajés, e todos eles podem exercer as duas espécies de atividades - curar e fazer adoecer. Os índios sabem, porém, ou pelo menos julgam, quem são os bons e quem são os ruins. A verdade é que nenhum espírito pode agir sobre quem quer que seja, ou para o bem ou para o mal, sem a intervenção de um sekwa. Desta maneira, quando uma pessoa adocece, um sekwa é sempre chamado, enquanto que um outro torna-se suspeito. Esta perspectiva tem trazido, algumas vezes, sérios desentendimentos na aldeia, criado vários problemas sociais e gerado determinados conflitos graves, alguns dos quais culminado até em assassinatos.

Os curadores cobram preços, às vezes elevadíssimos, para as curas efetuadas, e os pagamentos são feitos em objetos tais como rede (de algodão), espingarda, panelas, vestimentas, rádios, enfim o que o paciente tiver às mãos, e isto sem questionamento algum, dado ao medo que se tem dos espíritos, do próprio curador e a sua dependência dele em assuntos espirituais.

Um índio torna-se sekwa através do contato com os espíritos, o que tem início, inesperadamente, quando ele está caçando ou pescando sozinho. Depois de algumas coisas curiosas que acon-

tecem, como a quantidade exagerada de peixes conseguidos ou a queda da rede (quando em caça de espera) sem que nada lhe aconteça, ele passa a ter a visão e, na volta para a aldeia logo adoece, geralmente com febre alta. Os demais curadores logo identificam a doença e ele é incentivado a resistir a enfermidade e a continuar os contatos com os espíritos. Se ele resiste e supera a doença, torna-se curador, se esmorece, tudo volta ao normal - não serve para curador. Alguns informantes dizem que os bons curadores são aqueles que mantêm contato (estudam, como melhor dizem) com os espíritos que vivem nos rios - Kãmhá. Eles têm mais medo dos curadores intermediários dos espíritos do mato. Aham que é de lá que vêm os feitiços.

É difícil saber-se, hoje, dada à falta de informantes, - qual o relacionamento entre o mundo de Bdã e Wairê com o mundo dos espíritos. As lendas nunca se reportam aos dois mundos ao mesmo tempo. É interessante notar, todavia, em termos de sincretismo religioso, que os índios associaram Deus ao mundo de Bdã, e o diabo ao mundo dos espíritos, identificando-o com hêpãrwawê - o chefe dos espíritos - um dos que vivem no mato e tem o corpo coberto de pelos, às vezes identificado também com o lubismem do folclore brasileiro.

Há uma história interessante entre Bdã e Wairê, quando da ocasião em que Bdã tornava certas frutas, outrora venenosas, em frutas alimentícias, em que Wairê desejava matar Bdã e oferecia essas frutas para ele comer. No processo de comê-las, elas se tornaram doces e saudáveis. Alguns informantes, ao narrar a história, referem-se a Wairê como Pedro e outros referem-se a ele como o diabo ou satanaz, ou usam ainda o termo "cão" como o fazem também alguns civilizados da região ao referirem-se ao diabo.

Este parece ser um dos poucos casos em que se vislumbra y ma certa associação de um mundo com o outro, mas já em idéias bem apagadas da crença primitiva. A maior indicação, no entanto, é que não existe muita aproximação e interferência entre os dois mundos sobrenaturais, e que Bdã exerce uma função "x", enquanto que os espíritos, uma função "y". As referências a Bdã são sempre no passado, suas atividades tiveram resultados definidos e inalteráveis e ele parece não ter mediador para se comunicar hoje com os índios, enquanto que os espíritos atuam no presente, - os resultados de sua atuação podem ser alterados (dependendo do que se faz para irritá-los ou acalmá-los) e possuem os seus mediadores para os contatos frequentes com os índios.

Em virtude desta visão espiritual do universo, os índios não estão muito preocupados com Bdã (Deus), uma vez que ele não tem muito a fazer, presentemente, mas vivem muito preocupados com os espíritos e os pajés, de quem depende o sucesso ou o fracasso de suas atividades e empreendimentos cotidianos.

Relatório:
Pastor Rinaldo
de Mattos
(1948)